

Reclusos trabalham na horta para alimentar famílias pobres

O passo para a liberdade

Setúbal. A Quinta da Várzea é meio caminho para a liberdade. Os reclusos trabalham na horta solidária, cujos produtos são encaminhados para as famílias carenciadas da região. E recebem salário

ROBERTO DORES, Setúbal

A pena que Jerónimo Fialho cumpre na prisão de Setúbal só termina lá para 2011, mas enquanto aguarda com esperança pela liberdade condicional numa audiência agendada para Outubro, dedica-se de "corpo e alma" à produção de legumes para as famílias carenciadas da região. Jerónimo é um dos rostos do regime aberto na Quinta da Várzea, onde os dias "passam mais depressa", assegura quem por ali trabalha. Claro que o salário de cinco euros líquidos por dia não é de deitar fora.

À beira de completar 39 anos, Jerónimo Fialho, residente da Quinta do Conde, ganhava a vida a trabalhar na construção civil, até que se viu privado da liberdade.



Dia de trabalho na horta foi ontem diferente com a visita do ministro da Justiça

Foi detido por furto e condenado a três anos de cadeia. A pena estava a custar a passar até que, há quatro meses, o bom comportamento lhe abriu as portas do exterior, passando a ser um dos dez voluntários que laboram no projecto "Horta Solidária" do Estabelecimento

Prisional de Setúbal (EPS).

Jerónimo sabe que as *courgettes* que acabou de colher em breve vão chegar à mesa de gente de fracos recursos pela mão do Banco Alimentar contra a Fome. "Com esta crise, o nosso trabalho faz muita falta, porque é a possibilida-

de que as pessoas têm de comer produtos frescos", admitiu quando interrompeu a colheita para cumprimentar o ministro da Justiça, Alberto Costa, que ontem visitou o local, para elogiar a "causa" que junta reclusos e instituições de solidariedade.

Não é de um dia para o outro que um recluso consegue ser voluntário no projecto "Horta Solidária". Primeiro, terá de ser alvo de acompanhamento, já que o ingresso nos campos agrícolas da Quinta da Várzea representa uma espécie de derradeiro estádio para a liberdade, antes de integrarem as "brigadas de rua" - em que passam ganhar o salário mínimo, trabalhando em regime aberto. É na Várzea, uma quinta que o Ministério da Agricultura cedeu à Justiça, que é feito o primeiro grande teste. Por ali passam a estar os dias e as noites, dormindo nas camaratas. "O comportamento, o desempenho e a motivação estão em constante avaliação, permitindo que eles vão sendo colocados em regimes cada vez mais autónomos", explica a directora do EPS, Hermínia Pacheco, revelando que na próxima semana vão sair da Várzea mais cinco reclusos para o exterior. "Muitas vezes, vão lá para fora e os patrões até acabam por ficar com eles", referiu.

"Em seis meses, esta horta já entregou 20 toneladas de legumes, o que mostra o seu sucesso, porque mantém os reclusos ocupados e prepara-os para a reinserção, sendo ainda uma manifestação de solidariedade destes homens" referiu o governante. ■